

Arena usa tática do silêncio

MDB poderá discutir Constituinte apenas nos Legislativos, sem campanhas de rua

BRASILIA (Sucursal) — A estratégia arenista para esvaziar a tese do MDB, em favor da convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte, tinha por base, ontem, o silêncio. Líderes e dirigentes da Arena, que, na véspera, fizeram ameaças veladas à Oposição, negavam-se a comentar o problema de modo formal ou preferiam tratar de outros assuntos.

“A Constituinte — foi o máximo que um dos dirigentes arenistas disse, depois de muita insistência dos repórteres — terá de contentar-se com o âmbito legislativo. Os emedebistas poderão falar no Senado, na Câmara Federal, Assembléias Legislativas e Câmaras Municipais, pois, nestas casas, tudo será normalmente absorvido”

Deu a entender, em seguida, que a campanha da Oposição seria respondida energicamente pela Arena.

“Se o MDB extravasar e procurar contatos com estudantes e trabalhadores, nas universidades ou nos sindicatos, já sabe o que o espera: o processo de cassações se reabrirá e voltaremos a ter dificuldades”

Esse arenista ressaltou que os estudantes “normalmente propensos, por idealismo, ao que pareça inovador, poderiam engajar-se na idéia da Constituinte, tornando ainda mais difícil o relacionamento do governo com a juventude”.

“Há um projeto de transformar o Brasil em grande potência — acrescentou. A agitação que teria lugar, com a pregação da Constituinte, prejudicaria, com toda a certeza, aquele objetivo”

Outro ponto destacado pelo dirigente da Arena é o da provável junção de temas, na campanha do MDB: a Constituinte com a crítica aos desníveis salariais, a fim de sensibilizar os trabalhadores

“Façam isso no plano parlamentar e não terão problemas. Mas não pensem em provocar tensões, para colher vantagens eleitorais, pois serão os primeiros atingidos”

Esse dirigente da Arena não negava que suas idéias, sobre a posição do MDB, em face da Constituinte, coincidiam com as do governo, de modo geral. E, ao que dizia, ao promover a campanha em causa, o partido minoritário como que reforçava a impressão generalizada de que não desistira do revanchismo.

Todos os arenistas concordavam com a manifestação feita na véspera, pelo ex-chefe da Casa Civil do presidente Castelo Branco, senador Luis Viana Filho, de que a experiência histórica brasileira associava a pregação em favor da Constituinte às agitações político-sociais.

Insistiam os arenistas, em suas conversas de bastidores, quanto à disposição do presidente Geisel de promover a normalização institucional do país. Lembavam, a propósito, que o primeiro passo normalizador fora a suspensão da censura na chamada grande imprensa, o que ensejou o restabelecimento do debate político.

Ao que afirmavam, a agitação que se seguiria ao movimento em prol da Constituinte poderia prejudicar as conquistas feitas até agora, reativando dispositivos de subversão. Um dos arenistas recordou, a tal propósito, o período de guerrilhas urbanas, de 1969 a 1972.

“Se existe um caminho mais fácil, que leve ao mesmo destino, por que — indagou — escolher o mais difícil? Esta falta de sentido na escolha do MDB é que causa apreensão a tanta gente”

Com isso, admitia o informante que o governo concorda em promover a reformulação constitucional, mas através do Congresso, pelo consenso entre arenistas e emedebistas. Desse modo — acrescentou — as aberturas far-se-iam sem exasperação, seguindo um esquema lógico, a salvo de riscos.

“Qualquer retrocesso, agora, pode comprometer a distensão política em pelo menos dez anos. É preciso que o MDB veja que há um pequeno grupo radical de direita, disposto a aproveitar-se das contradições políticas ou dos gestos inúteis da Oposição, para acirrar ódios”

Noutros setores da Arena, continuava-se a dizer que o silêncio em torno da Constituinte poderia ajudar a cúpula do MDB a livrar-se da pressão incômoda do radicalismo da minoria oposicionista. Se o comando emedebista, de qualquer forma, viesse a não ter mais condições para o reatamento do diálogo político, através do senador Petrônio Portela, o jeito seria a busca de outras pontes para firmar o novo pacto social brasileiro. A Arena, nessa hipótese, passaria a entender-se diretamente com os diversos grupos sociais, marginalizando definitivamente a Oposição.



Na Assembléia, Constituinte provocou acusações, contra o MDB, de tentar bloquear processo democrático.